

30-07-2021

O SORVETE DE SAMUEL

Cyleide Lourenço

[Cozinheira conversadeira. Trabalhadora autônoma]

Gravando... Samuel mora na comunidade, apesar de ser policial. De uns muitos tempos pra cá, nem todo policial consegue morar na favela. Alguns segmentos do crime organizado não toleram a presença de policiais e, mesmo, de seus familiares como moradores. Seja por serem tidos como X9 (espíões/delatores), seja por serem considerados simplesmente inimigos. Não é o caso de Samuel, meu amigo e vizinho. Talvez por ser morador aqui desde que nasceu e ter amigos de infância que mesmo depois de enveredarem pelo crime continuaram amigos. Talvez, também porque Samuel faz um trabalho comunitário há mais de 20 anos, principalmente com crianças e jovens, algumas inclusive de seus amigos de infância. Mas, para mim, a principal razão é que ele tem uma visão da política baseada nos direitos do povo da comunidade, seja quem for. Além de ser um crítico da violência da própria polícia de que faz parte, é um crítico feroz dos políticos enganadores que vão na favela só em época de eleições com os bolsos cheios de promessas e mentiras. Tiana, minha sobrinha que me ajuda nesta coluna, gravando e me corrigindo, adora conversar com Samuel sobre a conjuntura política. Samuel chegou a estudar História até quase o final, mas faltou tempo e grana pra terminar. Diz ele que um dia volta, até porque ele nunca para de ler e acompanhar a conjuntura.

Sábado dia desses, Samuel foi lá em casa. Chegou cedo.

“Dona Cy (ele me chama de dona, nem sei porque), *você pode me ensinar a fazer sorvete?*” Eu que sou tagarela, conversadeira, falo demais, senti que aquele sábado seria um dia de descanso de voz. Isso porque quando converso com Samuel, aprendo muito e mais escuto. Ele é tagarela mais que eu e com uma grande vantagem: é sábio.

Em nossos papos, só interrompo pra fazer perguntas.

E a primeira pergunta que fiz foi: sorvete, por que?

Sorvete caseiro é a coisa mais fácil de fazer, por que Samuel estaria querendo que eu ensinasse a ele, se ele mesmo poderia fazer, inclusive, olhando na internet.

“Dona Cy, *é que eu preciso de uma grande quantidade pro dia 25 de julho.. Nós vamos fazer um torneio de futebol masculino e feminino com medalha e tudo, nesse dia. Vai se chamar Torneio de Futebol Marielle Franco. Ela nasceu em 27 de julho, mas como esse dia é terça feira, vamos fazer a comemoração no domingo, dia 25. E eu quero saber quais os ingredientes que a gente vai precisar. Inclusive, quero te pedir pra ajudar a fazer a sorvetada na véspera, se você puder. E vou precisar de quatro tipos de sorvete: verde, amarelo, azul e branco.*” Logo pensei que maluquice era aquela, sorvetes com as cores da bandeira do Brasil? E logo me preocupei com o sorvete azul. Pedi pra ele me explicar o que era isso..

“*Outro dia na associação (de moradores) eu fiz a reunião da Comunidade em Movimento e, como sempre que vou lá, falei da conjuntura política. Falei do papel das instituições públicas, do problema da escola na pandemia e das dificuldades que estamos vivendo. Falei sobre a saúde e o SUS, sobre a educação abandonada, aí já emendei com a questão ambiental, inclusive do lixo e do esgoto, sobre a violência policial, inclusive falei da Marielle, e disse que tinha muito policial que não concordava com essa violência, mas que tinha muita gente que nos governa que tinha interesse que ela continue...*” Aí interrompi pra perguntar como é que dava tempo de falar sobre tanta coisa... ele continuou... “*Eles ficam fazendo perguntas todo o tempo e eu vou emendando um papo atrás do outro. Falei do racismo, da discriminação contra os gays e lésbicas, do abandono das crianças com deficiência nas favelas, muita coisa. Aí, no final, falei que eles precisavam pensar num país melhor porque o Brasil estava derretendo... Um deles, meio gaiato, logo falou: o Brasil está virando sorvete... Daí pra ideia do festival de sorvete pra gente se lambuzar de um Brasil que a gente gostaria de saborear foi um pulo. Numa conversa desse tipo com a juventude, a gente tem que terminar com uma festa ou com um plano para uma grande festa, senão sai todo mundo cabisbaixo e meio desesperançado. Depois foi só combinar a festa, o torneio de futebol e aí lembrei de Marielle que eles aprovaram pra ser a madrinha do torneio. A data do festival de sorvete foi escolhida por causa do mês de julho e a ideia dos picolés de quatro cores também foi ideia deles.*”

Confesso que minha dificuldade foi apenas sobre o sorvete azul. Minha cabeça fervilhou: abacate ou milho, maracujá ou manga, limão ou coco, e o azul dou um jeito... Claro que topei na hora, mas falei com ele que picolé seria mais difícil pra armazenar, tem que embrulhar, fica mais caro e dá mais trabalho. Ele topou fazer sacolé e me perguntou quantos sorvetes cada garoto/a era capaz de chupar. Eu disse que depois do futebol pelo menos uns oito (uns dois de cada cor). Calculei uns 400, pelo menos, e disse que ia precisar de ajuda pra encher os saquinhos. Com uns R\$ 10,00 ele compra os saquinhos e ainda sobra. Bem, vamos aos ingredientes. Pra 400 sacolés vai precisar de uns 5 litros de leite (R\$ 20,00), 5 latas de leite condensado (R\$ 30,00), 5 latas de creme de leite (R\$ 30,00), 5 colheres de sopa de liga neutra pra sorvete (R\$ 6,00) e as frutas. Samuel escolheu abacate (fruta natural), coco (leite), manga (fruta natural) e a “fruta azul” (pó pra sorvete céu azul ou blue ice - R\$ 6,00). A forma mais fácil de fazer sorvete pra sacolé, sem precisar ir ao fogo, é guardar as proporções acima (1 pra 1), bater tudo no liquidificador durante uns dois minutos, despejar com um funil nos saquinhos e deixar congelar. Falei pra ele, viu Samuel, com mais ou menos R\$ 100,00 você vai fazer a festa da garotada. Aí ele me disse:

“*E ainda vou ver a cara deles lambuzada com as cores da bandeira do brasil que os fascistas querem nos roubar.*”

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.